



A RELAÇÃO ENTRE A VIOLÊNCIA E O SAGRADO: DESEJO MIMÉTICO E MITO EM RENÉ GIRARD

Rondinele Laurindo FELIPE^P

RESUMO

Este texto pretende investigar em que medida Girard, a partir da teoria mimética, relaciona a violência com o sagrado, e quais pressupostos promovem essa noção no desenvolvimento de suas teorias, uma vez que estas se constituem na necessária interpretação dos mitos enquanto fonte original no que diz respeito a violência coletiva e as práticas religiosas e culturais da humanidade. Esse aspecto do mitológico é decisivo para esclarecimento teórico e para as reflexões sobre a origem da violência e das culturas nesse autor, além de revelar a especificidade na compreensão da religião.

Palavras-chave: Desejo mimético. Violência. Mito. Sagrado. Religião.

1 LEITURA MITOLÓGICA

Na teoria girardiana os mitos são abordados como narrativas de um assassinato fundador. Eles remontam ao desenvolvimento cultural humano em torno do sagrado. Para entender essa estruturação mitológica, será necessário investigar como se desencadeia essa violência propiciadora do sagrado. Se o sagrado, conforme Girard, está na origem das culturas tentaremos mostrar em que medida a origem dessas culturas se encontra ligada e fundada no sagrado e como a leitura do mito se faz imprescindível para essa finalidade, ou seja, revelar a especificidade do sagrado e da violência humana. Partindo do pressuposto de que os mitos

^P Mestre em Ciência da Religião com ênfase em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

documentam uma violenta perseguição coletiva e um real assassinato no interior das comunidades, será importante ressaltar como esses mitos relatam essa violência contra uma única vítima.

De acordo com Golsan “No pensamento girardiano, o mito permite atar as pontas de sua reflexão acerca das origens da cultura” (GOLSAN, 2014, p. 15) e essa origem se encontra ligada ao sagrado. Dessa maneira, como se constitui o sagrado de acordo com Girard? Para esse autor o sagrado nasce da violência coletiva e para responder essa questão, os mitos são lidos como suporte teórico da compreensão de sagrado e do comportamento violento humano. A violência é um comportamento natural do homem, e por isso, nas sociedades primitivas ela precisava ser constantemente exorcizada, canalizada por meio do sacrifício de vítimas. Tanto é assim que a elucidação dessas crises previa o assassinato coletivo. Era preciso eleger um culpado, uma vítima que verdadeiramente todos acreditassem ser responsável pela maldição. Nessa esfera mitológica Girard, para falar do sagrado primitivo, desenvolve a ideia de perseguição coletiva, também presente nos mitos, bem como, a noção de perseguição inserida no corpo social primitivo e na elaboração teórica por meio da interpretação de textos literários. Desse modo, o autor distingue o mito de outros gêneros como: relatos de perseguição, históricos e literários. A rigor, o que Girard pretende é mostrar a tendência da maioria, mimeticamente influenciada, convergir toda violência para uma única vítima. Nos mitos de perseguição, por exemplo, a coletividade se convence que existe um responsável pelas crises que precisa ser punido. Essa vítima com sua morte redime seus algozes eliminando a violência destruidora, restaurando a paz. A consequência disso é que a vítima, antes culpada pelo infortúnio, torna-se inocente por ter restaurado a paz social, por isso, elevado à condição de sagrado. Tal vítima é o bode expiatório. Essa é a origem do sagrado natural: a violência redentora, a violência de todos contra um, devolve a paz restaurando a coesão social e fundamentando as bases da religião. Um primeiro dado que pode ser considerado a partir dessa descrição é a estreita ligação entre violência e sagrado. O sagrado resulta dos linchamentos e violências coletivas. Quando a violência alcança o nível de linchamentos e perseguições, a solução é tentar eliminar essa violência destruidora. Os grupos antigos procuravam um responsável, alguém que pudesse carregar a culpa por tamanha destruição. Por isso, nomeava-se um indivíduo, de

modo que a força da violência unânime fosse saciada ao se reagrupar sobre essa vítima reduzida à condição de bode expiatório. Todo o grupo descarregava a violência contra essa vítima, de modo que o seu sacrifício violento restaurava a paz e a coesão social. A vítima, que antes era culpada, com sua morte torna-se inocente redimindo a todos. A religião deriva desse sacrifício expiatório, pois, uma vez que a comunidade foi redimida pela morte expiatória, o sacrifício conciliador da vítima é constantemente lembrado como se fosse o primeiro ato que expulsou o mal e restabeleceu a paz.

Nessas medidas, de acordo com Golsan (2014, p. 124), os mitos são fontes que transmitem esse conhecimento para o pesquisador, reabilitando nossa compreensão acerca das culturas humanas. Se de acordo com Girard os mitos remontam um assassinato no interior das sociedades primitivas, para o estruturalismo de Lévi-Strauss os mitos não retratam nenhum assassinato real. Alias, para esse autor os mitos relatam de maneira cultural, a forma de pensar de determinadas culturas, a maneira de simbolizar seus costumes e como as comunidades antigas os projetavam. O estruturalismo pensa o real na relação de continuidade e descontinuidade e, segundo Girard (GIRARD, 2002, p. 16), o estruturalismo é orientado para as diferenças, mas não deixam de apontar as semelhanças e parece ser nesse ponto que Girard articula sua noção de mito com as de Lévi-Strauss.

O estudo do sagrado pela via mitológica a partir da noção girardiana pressupõe a busca da fundamental linguagem religiosa e o nascimento do sagrado nos mitos, incitado pelo comportamento violento humano. Dessa maneira, para entendermos a relação entre o sagrado e a violência é preciso interpretar aquilo que esteve oculto nos mitos de fundação e lê-los sobre a ótica da perseguição coletiva e do assassinato fundador que, em última instância, remete-nos ao comportamento humano e ao modo como os primitivos lidavam com a problemática da violência. Se os mitos nos transmitem essa concepção, em Girard, portanto, se constrói uma visão delimitada de mito. Mas, somente isso não é suficiente para esclarecer a noção de sagrado. É preciso considerar a noção de hermenêutica subjacente ao dado mitológico. Nesse sentido, em que medida Girard não explora a noção de hermenêutica em torno dos mitos? Ou melhor, o que constitui esse princípio hermenêutico de interpretação do mito em Girard? Mesmo que não pareça explícito

e Girard não reconheça, a ideia de mito pressupõe e é conduzida por um princípio hermenêutico. Por essa razão, os mitos são imprescindíveis para a abordagem do sagrado violento. Desse modo, tentaremos responder como o dado hermenêutico pressuposto nos mitos ajudam a entender a teoria do religioso em Girard. Primeiramente, se religioso é filho de uma violência contra uma vítima, parece pertinente nos atermos às narrativas mitológicas. Contudo, é preciso verificar nas primeiras obras de Girard de que maneira o autor descobre o mecanismo causador da violência e como ele estrutura tal conceito antes de sua interpretação do mecanismo mimético pelo viés mitológico. Uma vez que o autor elabora uma teoria das culturas fundadas no assassinato vitimário, investiga-se como ele interpreta o comportamento humano, e qual mecanismo desencadeia essa violência coletiva apontada nas narrativas mitológicas. Parece interessante, já valendo nesse caso do dado hermenêutico, remontar o processo pelo qual Girard fundamenta sua ideia de mito como retrato do sagrado primitivo.

2 A ESTRUTURAÇÃO DO PENSAMENTO GIRARDIANO: DESEJO TRIANGULAR

A contribuição de Girard para esse desenvolvimento se confirma na unidade dos mitos no que se refere à perseguição e ao sentenciamento de vítimas reais. Isso não quer dizer que os dramas e as histórias desse cenário mitológico sejam verdadeiros. O que interessa ao nosso autor reside na interpretação antropológica dos assassinatos coletivos e da expulsão das crises por meio do assassinato de vítimas. De acordo com Girard (2004, p.34), os mitos são documentos que relatam tais crises. Nesse caso, para se chegar à noção de sagrado e violência, parece necessário apreender a dinâmica dos mitos e interpretá-los sobre a ótica girardiana.

É interessante ressaltar um dado na teoria de Girard sobre o mito. Uma vez que o sistema do bode expiatório é inconsciente, o mito tende a escondê-lo. E, o mito faz isso imputando e acreditando que a vítima é realmente culpada pela desagregação. Contudo, é em posse desse saber acerca dos assassinatos coletivos que Girard os interpreta como relatos de perseguição coletiva. Interessante notar que já nas análises literárias, em obras como **Shakespeare: Teatro da Inveja**, Girard (2010, p. 379) sugere a existência do assassinato fundador, o que mais tarde denominaria de ciclo mimético, ou seja, o mecanismo que desencadeia a violência

(desejo triangular) e a resolução dessa crise com a morte expiatória. Percebemos que Girard chega a aludir a essa noção em uma análise de obras literárias. E que por mais que tenham proximidades, tentaremos mostrar o que aproxima e o que distância uma obra literária de um mito.

Se os mitos foram originados de assassinatos fundadores e refletem um processo de crise e indiferenciação que resulta no sacrifício expiatório, é conveniente investigar como o pensamento girardiano se estruturou. Sabe-se que, do ponto de vista do nativo, existe um mecanismo inconsciente quando se trata das perseguições. Mas, do ponto de vista do pesquisador, e nesse caso o próprio Girard, esses mitos podem revelar os segredos da violência humana e o enigma do sagrado. Nessas medidas, como Girard interpreta esses mitos? Quais as consequências para a compreensão de mito em Girard, uma vez que ele os aborda a partir da chave hermenêutica da teoria mimética? Ou ainda, Qual a especificidade do mitológico em relação a outras formas de expressão? Para responder tais questões, buscaremos respaldo naquilo que o autor denomina em primeira instância de desejo triangular e que constitui o fio condutor do pensamento girardiano.

Nosso ponto de partida, para melhor elucidar essa modalidade humana, são as leituras que Girard faz de obras literárias. Nessas obras, Girard percebe um dado primordial no comportamento humano e que posteriormente orienta sua teoria do religioso (poderíamos dizer sua hermenêutica). Dessa maneira, poder-se-á verificar a partir dessas análises literárias as primeiras formulações de Girard acerca da imitação e sua implicação no comportamento e na constituição cultural humana. Por isso, é preciso verificar nos primeiros escritos de Girard de que maneira esse autor descobre o mecanismo causador da violência e como ele o estrutura antes mesmo de sua leitura dos mitos. Uma vez que esse autor elabora uma teoria das culturas fundadas no assassinato vitimário, parece necessário investigar como ele interpreta o comportamento humano, e em que medida a literatura elucida esse dado peculiar responsável pelos conflitos, inicialmente denominado de desejo triangular.

Em sua obra **Mentira romântica e verdade romanesca**, Girard diz que o homem não deseja isoladamente, de maneira inata. O objeto de desejo precisa ser designado pelo outro, o desejo humano é sempre mediado por um desejo alheio. O desejo humano é mimético, ou seja, imita outro desejo, logo somos levados a adotar modelos, imitando seus desejos sem nos darmos conta dessa mediação.

A leitura que Girard (2009, p. 15) faz de autores como Cervantes, Proust, Shakespere, Dostoiévski, entre outros na literatura, forneceu-lhe suporte para formulação da teoria mimética. A percepção de um dado comum entre esses autores levou Girard a buscar uma estrutura análoga e recorrente acerca do desejo de imitação em várias obras e dramas da literatura. Se pelas análises comparativas Girard percebe o mecanismo do desejo na estruturação dos dramas e peças teatrais, e não mais uma leitura romanceada desses clássicos, conseqüentemente ele fornece nova luz na maneira de interpretá-los. A mentira romântica seria a ocultação do desejo triangular notável nos romances, uma vez que por trás desses dramas Girard já aponta o mecanismo do desejo que compreende o objeto, o modelo e o rival. Mas o que seria esse desejo mediado pelo desejo do outro na visão girardiana? O que posteriormente Girard denominaria de desejo de apropriação mimética foi inicialmente elaborado nos pressupostos da literatura comparada. E, portanto, procurou analisar a imitação subjacente a dinâmica do desejo. De acordo com Golsan (2014, p. 25), o desejo se estrutura numa representação triangular: não desejamos de maneira livre e autônoma, o desejo precisa de mediações, ou seja, copiamos os desejos uns dos outros. Só desejamos determinado objeto por este ter sido antes desejado e reforçado pelo desejo de um terceiro¹.

3 MEDIÇÃO INTERNA, MEDIAÇÃO EXTERNA

O homem imita os outros em suas escolhas. Logo, a preferência por certos objetos em detrimento de outros é sempre mediada por um modelo. Ora, o desejo de obtermos determinado objeto é a cópia do desejo de alguém que adotamos como modelo. Como se pode perceber nos romances estudados por Girard (2009, p. 17), o modelo que tomamos para imitar pode ser um herói imaginário, ou alguém muito famoso que não necessariamente participa de nosso convívio ou da mesma relação

¹ Ainda que Sartre não use o termo desejo no mesmo sentido que Girard, ele indica que a constituição da minha identidade sempre passa pelo outro. Eu me construo em relação ao outro. Nesse sentido, Girard parece muito próximo de Sartre ao referir-se a dinâmica do desejo do outro, da não autonomia do desejo e que meu desejo é o desejo do outro. Citando o próprio Sartre podemos constatar que: “cada outro encontra seu ser no outro” ou: “ser-em-par-com-outro” (SARTRE, 2011, p. 326, 327).

espaço temporal². Nesse caso, o autor denomina essa relação de mediação externa, pois o sujeito e o modelo se encontram separados, distanciados por camadas sociais, por tempo histórico ou, mesmo pela ficção, o que inviabiliza o confronto e a disputa pelo mesmo objeto. A notoriedade da mediação externa se faz presente em obras como **Dom Quixote** que, segundo Girard (2009, p. 26), revela de um ponto de vista literário o desempenho de Dom Quixote e sua obstinação por imitar o lendário cavaleiro Amadis de Gaula. Dom Quixote deseja se tornar um cavaleiro tão perfeito quanto Amadis. Em **Mentira romântica e verdade romanesca**, Girard destaca o diálogo de Dom Quixote com seu companheiro Sancho Pança. Dom Quixote deseja imitar seu ídolo que, a rigor, só existe como personagem de ficção. Ele profere as palavras: “Quero, Sancho, que saibas que o famoso Amadis de Gaula foi um dos mais perfeitos cavaleiros andantes. Não disse bem “foi um; foi o único, o primeiro, o mais cabal, e o senhor de todos quantos em seu tempo nunca houve” (CERVANTES, 2002, p. 155).³ Contudo, Girard analisa essa passagem da obra de Cervantes para melhor elucidar a dinâmica da mediação externa. Como se pode notar, Dom Quixote não vive de acordo com suas escolhas, ele se encontra condicionado pelo desejo de seu ídolo Amadis e renuncia a uma existência concreta em decorrência de seu modelo. Tudo que esse discípulo deseja é cópia daquilo que foi desejado por seu mestre. Ora, não foi Dom Quixote quem desejou livremente ser um notável cavaleiro, mas o seu modelo Amadis foi quem lhe indicou o que desejar. Logo tudo na vida do notável Amadis possa a ser desejado por seu discípulo Dom Quixote, que passa a viver ilusoriamente em um mundo projetado por suas formas imitativas e confunde ficção com realidade. Com efeito,

² Conforme João Cezar de Castro Rocha a teoria mimética pode ser traduzida em termos bem simples, em ações do nosso cotidiano, em expressões diárias que geram conflitos e rivalidades. Quando imitamos um amigo ou cobiçamos determinado objeto ou sentimento, ou mesmo quando invejamos nosso vizinho, pode ser o impulso do desejo mimético mediado pelo desejo alheio. (GIRARD, 2009, p.20).

³ A leitura que Girard faz de Dom Quixote reflete seu desenvolvimento teórico em torno do mecanismo triangular. Portanto, as escolhas de determinadas cenas são meramente de interesse específico desse autor. O objetivo dessa pesquisa fica implicado apenas na averiguação dessa teoria e seu desenvolvimento no quadro da análise antropológica do mimetismo humano. Como aponta Golsan: “Girard nos apresenta uma série de ideias notáveis sobre a arte do romancista, mas seu principal interesse é examinar o funcionamento do que ele denomina desejo mimético ou triangular.” (GOLSAN, 2014, p. 25).

independentemente das figuras ilusórias, o que se nota nesse drama é a construção da triangularidade do desejo.

No romance de Miguel de Cervantes, a imitação de Amadis por Dom Quixote figura no quadro triangular do desejo. De outro modo, conforme Girard (2009, p. 26), Dom Quixote não é o único afetado pelo desejo triangular. Nessa esfera da imitação, o escudeiro Sancho Pança se imagina na função de governador em uma ilha, e deseja ao mesmo tempo ver sua filha como duquesa. Considerando a pouca instrução e a simplicidade desse escudeiro, Girard sugere que suas ambições tenham sido indicadas e reforçadas por Dom Quixote. A triangularidade do desejo se faz representada na ilha como objeto, em Dom Quixote como modelo a ser imitado e no sujeito Sancho que deseja. Nesse ponto, Girard destaca que os personagens são literários e, portanto, imaginários. Entretanto, o citado romance versa sobre questão da contagiosa influência que um indivíduo pode exercer sobre o outro, e na triangularidade do desejo expresso nesses dramas que exemplificam a dinâmica da mediação externa tendo como referência a imitação de Amadis por Dom Quixote. Já vimos que na mediação externa o desejo mimético não culmina em rivalidades e disputas, uma vez que, sujeito e modelo se encontram separados pelo espaço e tempo.

O que de fato importa nessa distinção se anuncia numa dinâmica de mediação, porque não desejamos sozinhos, o desejo humano é condicionado por outro desejo. Ora, se necessitamos que nos ensinem o que desejar, encontramos-nos presos por essa trama de atração mimética. Como se confere nessas linhas: “eis o pecado original do mimetismo: como aprendo a comportar-me a partir da reprodução de comportamentos já existentes, sou levado, consciente ou inconscientemente, a adotar modelos e a segui-los como se fossem expressões do meu desejo autônomo” (GIRARD, 2009, p. 18). Se observarmos com mais atenção, podemos notar o papel da imitação em todas as relações sociais, sejam elas amorosas, afetivas, ou na aquisição de algum produto, ou aquela presumida autonomia nas escolhas que fazemos dentro desse quadro social-cultural.

A mediação externa é mais notável nas relações cotidianas, nos modelos que tomamos como referência, nas propagandas que nos dizem o que desejar ou como devemos viver mais felizes. Fato é que a mediação externa não suscita rivalidades, uma vez que o sujeito desejante e o modelo não se encontram no mesmo plano, não

há rivalidades e violência. O mesmo não se pode dizer da situação em que o desejo triangular ocorre num mesmo plano. Se o modelo, objeto e sujeito compartilham o mesmo mundo, está colocada a condição para que essa relação triangular venha a se desenvolver em um conflito. Nesse caso, a rivalidade aparece como real possibilidade de disputas e violência. Sendo assim, em que medida a mediação interna suscita as rivalidades e o que diferencia uma da outra? A mediação interna está mais propícia a gerar rivalidades, uma vez que as distâncias são menores, os sujeitos não se encontram mais separados pelo o tempo, pela incapacidade de se confrontar, logo, as rivalidades entre as partes pode ser mais eminente. Poder-se-á pensar com isso que o espaço físico seria o fator de possibilidade ou não de confronto, mas, segundo Girard (2009, p. 33), o espaço físico, em última instância, não determina a distância entre mediador e sujeito. A distância que separa mediador e sujeito pode ser também intelectual, social ou mesmo hierárquica. Quando essas distâncias se fazem viáveis, ou seja, se existir um encurtamento das distâncias espaço-temporal ou de qualquer obstáculo que impeça esse contato, as chances de ocorrências conflitivas se tornam reais. Sumariamente, a triangularidade do desejo e a disputa que ocorre nessa esfera da mediação interna podem ser tão latentes que vizinhos passam a se confrontar. O impulso na direção do objeto e o risco de rivalidades tornam-se atrativamente mais possível. Se nessa esfera o modelo pelo qual o sujeito respalda seu desejo reagir, ou indicar que esse sujeito que deseja o mesmo objeto não seja merecedor do mesmo, o que se tem em seguida é inevitavelmente a rivalidade. Eis a diferença da medição interna para mediação externa, a diferença essencial é que na medição interna ocorrem rivalidades entre modelo e mediador.

Para ilustrar melhor o que se denomina de mediação interna Girard (2009, p. 29) analisa o romance de Stendhal **O vermelho e o negro**⁴ pela dinâmica desse desejo conflitivo. O pequeno recorte dessa obra que propusemos em nossa análise

⁴ A interpretação de Girard no que diz respeito ao romance *O vermelho e o negro* parece ilustrar tão somente o mecanismo do desejo humano na esfera da competição e da rivalidade como expressões do desejo mimético. No entanto, nesse romance, o enredo que evolui a obra concentra-se nas relações de Julien, suas inspirações napoleônicas, sua arrogância e ganância por ascensão social. O exemplo que Girard aponta é secundário ao tema central da obra. Não que Girard suprima outras partes da obra, na verdade ele percebe a obra como todo, do ponto de vista do desejo triangular, ou seja, no campo da imitação (GIRARD, 2009, p. 32).

relata a história de dois vizinhos rivais, o prefeito da cidade senhor Rênal e seu concorrente Valenod. Ambos se conhecem, ambos são ricos e, portanto, disputam os mesmos objetos, ambos se inspiram nos desejos um do outro. O desejo de um é reforçado e orientado pelo desejo do outro. Tudo que possibilita o confronto dentro da mediação interna é encenado nesse romance, já que os rivais não estão separados nem pelo espaço e tempo nem por hierarquia ou qualquer outra coisa que inviabilize a disputa. O que nos interessa nessa trama é encenado através das recorrentes competições entre esses personagens. A preocupação inicial do prefeito Rênal está em contratar, antes de seu rival, um tutor de nome Julien para seus filhos. Rênal acredita que senhor Valenod, seu vizinho rival, desejou contratá-lo primeiro. Isso aguçou seu desejo e, portanto, contrata o tutor para seus filhos antes do rival. Ao saber disse o senhor Valenod o deseja também como tutor redobrando seu desejo pela posse do mesmo. É importante notar que nessa mediação o objeto não é o interesse último e necessário. É o desejo recíproco que está em jogo, o objeto só tem valor por que foi mediado pelo desejo do outro. De acordo com Golsan “para esses dois homens, o valor de Julien depende do quão desejável o jovem tutor parece ser aos olhos do outro” (GOLSAN, 2014, p. 32). Um dado revelador é que as virtudes de Julien e suas habilidades educacionais pouco importam para os rivais. O que realmente importa é o preço que cada um está disposto a pagar pelo objeto de desejo. De acordo com Girard: “o impulso em direção ao objeto é no fundo impulso na direção do mediador” (2009, p. 34). Sendo que na mediação interna o mediador ou possui ou deseja o mesmo objeto, e é nesse ponto que a possibilidade de confrontos aumenta.

4 O DESEJO MIMÉTICO

Como foi apontado, esses exemplos foram extraídos de obras literárias, são nelas que Girard descobre que a imitação é o motor que move o homem na direção de seu rival e, portanto, suscita rivalidades. Os ressentimentos e comportamentos conflituosos muito comuns nos dramas literários podem ser todos associados à mediação interna. De acordo com Girard (2009, p. 35), os sentimentos denominados de ciúmes, inveja e ódio são sentimentos que podem definir a mediação interna e seu papel no comportamento competitivo e conflituoso do homem. O ciúme e a inveja

ilustram a triangularidade do desejo, uma vez que se tem um objeto, um sujeito que sente ciúmes ou inveja e o modelo no qual projetamos esses ressentimentos. Basta analisar esses ressentimentos pela via da imitação para confirmar que os nossos desejos são cópias dos desejos dos outros. E como aponta Girard:

Se a imitação também desempenha um papel no desejo, se ela contamina nossa urgência de adquirir e possuir, essa visão convencional, ainda que não inteiramente falsa passa ao largo da questão principal. A imitação não apenas reúne as pessoas, mas as afasta (GIRARD, 2010, p. 42).

E nessa relação as pessoas podem até compartilhar os objetos de maneira amigável, mas quando esse objeto não se encontra disponível para ser dividido ou nem mesmo se faz passível de divisão, os sujeitos dessa relação tornam-se inimigos. Ainda em Girard, pode-se perceber que a linha que separa a concórdia da discórdia, o amor do ódio, a paz das rivalidades é estreita, esses sentimentos circundam as pessoas de maneira contínua. E talvez seja por isso que os literários perceberam essa modalidade humana geradora de conflitos. Em posse dessas análises, Girard não só percebe o desejo triangular, mas o aperfeiçoa em suas pesquisas, nomeando-o mais tarde em sua obra **Shakespeare: Teatro da inveja**, de desejo mimético. Girard nos diz que Shakespeare fala de “desejo sugerido, sugestão, desejo ciumento [...] mas o termo essencial é inveja” (GIRARD, 2010, p. 43). O que Girard sugere é que a inveja sempre se coloca na relação aquisitiva de posse do desejo alheio, deixando transparecer a não capacidade de ser autônomo, o que incomoda o invejoso. Traduzindo em outros termos, se a inveja subordina um indivíduo ao desejo do outro, da mesma maneira, o desejo mimético se coloca nesse ciclo de dependência e conflitos.

Vale inteirar que Girard descobre essa modalidade nas leituras de autores literários. Contudo, ele aperfeiçoa e tematiza sua intuição ao sugerir que o homem é movido por esse desejo de apropriação mimética. Com efeito, Girard desenvolve uma teoria do religioso ao perceber a mesma unidade mimética em outros documentos e fontes literárias que recolocam essa problemática, ou seja, o mimetismo teria sido o motor das violências coletivas, da desordem e das crises. Contudo, essa mesma pulsão agregaria todos no ato de sacrifício, do assassinato coletivo e da transferência da violência de todos contra todos, ao todos contra um. Eis o mecanismo do bode expiatório. Uma análise comparativa das narrativas

mitológicas fez esse autor confirmar sua hipótese de que o mimetismo seria a causa das discórdias e rivalidades, tendo promovido durante muito tempo violências e, paradoxalmente, também as impedindo através da resolução sacrificial. Nesse caso, qual seria a contribuição do autor para esfera religiosa? Como Girard interpreta as religiões fundadoras? Ora, já vimos que em Girard o conceito de sagrado está intimamente ligado à violência. Mas qual seria a fonte dessa intuição girardiana? A originalidade de Girard na sua contribuição para o entendimento da linguagem religiosa e antropológica está na leitura hermenêutica dos mitos de fundação e na idêntica assimilação desses mitos no que se refere à crise mimética e o assassinato fundador. Cabe demonstrar, como a noção de mito reverbera nos textos de Girard. Em outras palavras, a pergunta é: se os mitos são tão importantes para constituição de sua teoria, como isso pode ser verificado nas suas obras?

Um primeiro dado é que o desenvolvimento dessa noção é debitária do conceito de bode expiatório. A maneira que Girard lê os mitos mostrará que esse vínculo nos ajudará a desvendar a noção do sagrado, de violência e da mimesis como causadora dos conflitos e da origem das culturas humanas. Como suporte teórico, é pertinente a apresentação que Girard faz do mito de Édipo e a singularidade com que ele os interpreta para exemplificar os estereótipos persecutórios. No mito em questão, Girard (1990, p. 98) toma como parâmetro a tragédia Grega escrita por Sófocles, o mito de Édipo, que no seu relato traz a estrutura do mecanismo vitimário e mimético. O desejo recíproco e antagônico entre Édipo e seu pai Laio é latente. Toda violência dirigida por seu pai a Édipo gera a reciprocidade. Logo, a rivalidade toma conta e o contágio violento é tão forte que Édipo se esquece das diferenças entre pai e filho, da relação marido e mulher e mãe e filho. Ele se apropria da mãe e mata seu pai, cometendo incesto e parricídio, dois crimes horrendos que representam a última palavra de violência ao diferente. Nessa situação, entra o processo de indiferenciação onde tudo é a mesma e contagiosa violência. Na crise sacrificial a comunidade encontra-se em constante perigo e há sempre o risco de contaminação por contágio violento. A atrocidade cometida por Édipo é temida como se fosse uma doença contagiosa. O parricídio e o incesto atentado contra sua família são as causas da crise. Nessa narrativa mítica, a cidade de Tebas é assolada por uma enorme peste que coloca toda comunidade em risco. Tudo que a comunidade quer acreditar nesse momento é na culpabilidade de Édipo

e no terror de seu crime que contamina a todos, trazendo toda sorte de maldição para os Tebanos e por isso os mesmos tem todo o direito de expulsá-lo. Isso nos parecerá legítimo, pois a peste que sobreveio a Tebas é interpretada como castigo pelos crimes de Édipo. Quando a violência de todos se volta contra Édipo, temos a canalização dessa crise em um único indivíduo o que parece sustentar a tese de Girard de que os mitos narram uma perseguição coletiva seguida da violência mimética. Sumariamente, segundo o autor por trás desse mito se esconde a realidade dos conflitos humanos e das perseguições coletivas.

Se Girard insiste no mito de Édipo, deve-se ao fato de sua perfeita descrição do ciclo mimético, da violência real e da perseguição coletiva na origem desse mito. Nosso intento, portanto, consiste em apontar que a leitura que Girard faz dos mitos remonta às origens do religioso e das culturas. Os mitos para ele são retratos das culturas humanas, bem como suas representações religiosas. Nesse caso, vale inteirar que o sacrifício ritual é a base unificadora de todos os mitos analisados por Girard e que a vítima expiatória é por excelência a fonte de todos os ritos, instruindo a humanidade através desses a se desvencilhar do sagrado e escapar de maneira gradativa da violência fundadora. Essa parece ser a estrutura do pensamento girardiano, que tem como fio condutor a estruturação e interpretação dos mitos, entendidos por ele como narrativas de violência fundadora.

5 OS MITOS E ORDEM CULTURAL HUMANA

Pois bem, podemos inferir que tudo que foi esboçado reflete o mínimo de sentido de religião e mito em Girard. Ora, mas o que se deve ater desses detalhes é que para desenvolver uma teoria da religião há uma maneira peculiar em Girard com relação à leitura dos mitos. De acordo com Golsan (2014, p. 97), do estruturalismo de Lévi-Strauss à antropologia moderna, os mitos ou contam uma história falaciosa, ou falam de algum mistério religioso. Para Girard (2002, p.10), Lévi-Strauss defende que sua maneira de interpretar os mitos não ressalta apenas as diferenças, mas também o que há de comum nos mitos, o que para Girard parece ser imprescindível. Já vimos que essa unidade dos mitos, ou seja, o que há de comum nesses mitos se dá sempre a partir do assassinato fundador. Em Girard, porém, os mitos ganham uma conotação diversa. Girard não confia na precisão histórica dos mitos em sua

totalidade. Contudo, para esse autor os mitos narram acontecimentos reais, mas de forma figurativa. No fundo o que os mitos de fundação retratam são perseguições e assassinatos que de fato ocorreram e ocorrem nas relações sociais. Isso também nos revela que o mimetismo está na origem dos conflitos e da violência sacrificial. Mais precisamente, os mitos também revelam que o mimetismo está por trás do nascimento do sagrado. Portanto, os mitos para Girard são fontes que nos ajudam a entender a religião.

Podemos indagar, por exemplo, sobre as questões que geralmente acompanham os mitos que é seu caráter alegórico. Há mitos que descrevem monstros, ou deuses metade homem, metade animal. Os mitos também descrevem personagens defeituosos de toda sorte. Essas anomalias são coisas que comprovam o ato de perseguição nas escolhas das vítimas. As marcas vitimárias são confirmadas quando o mito ressalta que o herói foge do padrão, como no caso de Édipo que mancava. Pode ser também qualquer característica que os mitos geralmente destacam nas suas extremidades. É o exemplo de personagens exageradamente fortes e poderosos, ou no outro extremo, fracos, extremantes feios e bizarros. De acordo com Golsan (2014, p 99) a interpretação desses mitos na teoria girardiana pressupõe que esses padrões sejam entendidos em consonância com as perseguições coletivas que tendem sempre a polarizar as marcas vitimárias. São esses atrativos que incitam as perseguições e, por isso, nos mitos são remontados metaforicamente com figuras que mais ilustram a perseguição e a violência humana do que propriamente a existência desses personagens ou heróis dotados de poderes ou características inumanas.

Sumariamente, tentaremos mostrar que esses mitos nasceram de sacrifícios expiatórios, e que a ordem cultural surgiu desse primeiro assassinato, que por sinal gera toda mitologia. Vale inteirar que em Freud os mitos principiam de assassinatos fundadores. Para Freud (2013, p. 225), o mito revela que a investida do filho contra o pai justifica-se pela busca de poder. O assassinato do pai pelos filhos é a origem da religião, fruto do sentimento de culpa. Ainda que se assumam algumas críticas ao sistema de Freud, no que se refere ao desejo, Girard (1990, p. 244) ressalta que mesmo não teorizando em sua dimensão mais profunda, Freud foi o primeiro a reconhecer que as práticas rituais e a significação mítica originaram-se de

assassinatos fundadores. São os mitos que remontam esse assassinato recordando essas crises fundadoras.

De tudo que podemos observar é que a teoria do mito se sustenta pela noção mimética, subjacente ao desenvolvimento teórico de Girard que pressupõe uma maneira singular de interpretar os mitos, sobretudo articulando essa teoria com acontecimentos e eventos ocorridos no mundo moderno uma vez que os mitos revelam o comportamento social humano, o que pode confirmar a teoria mimética e a pulsão violenta nas relações coletivas do humano em todos os tempos.

REFERÊNCIAS

_____. **Despojada e despida**: A humilde história de Dom Quixote. Tradução Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2011.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: A essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. 3ª ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2010.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

_____. **O bode expiatório**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Mentira romântica e verdade romanesca**. São Paulo: É Realizações, 2009

_____. **Coisas Ocultas Desde a Fundação do Mundo**. Paz e Terra. 2009.

_____. **Shakespeare**: teatro da inveja. São Paulo: É Realizações, 2010

_____. **O sacrifício**. São Paulo: É Realizações, 2011

_____. **Dostoiévski**: Do Duplo à Unidade. Editora É Realizações. 2011.

_____. **Do mimetismo à hominização**. São Paulo: É Realizações, 2011

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Lepargneur, Hubert. **Sobre o mito do destino**. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2010

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. **O Deus escondido da pós-modernidade**: desejo, memória e imaginação escatológica: ensaio de teologia fundamental pós-moderna. São Paulo: É Realizações, 2011

ANTUNES, Melissa. **Entrevista René Girard**. Revista Cult Entrevista. Disponível em: < <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-rene-girard/>> Acesso em: 05/05/2016.

FRAZER, Sir James George. **O Ramo de Ouro**. Tradução Waltensir Dutra. Zahar Editores, 1982. Disponível em: <<http://www.classicos12011.files.wordpress.com/2011/03/45354652-o-ramo-de-ouro-sir-james-george-frazer-ilustrado.pdf>>

GIRARD, René. **O bode expiatório e Deus**. Tradução Marcio Meruje. Disponível em: <www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/girard_01.pdf> Acesso em: 12/06/2015.

JUNGS, Marcia; FACHIN, Patrícia. Se Deus está morto, tudo é permitido? Girard não aceita o veredito de Nietzsche. **Revista IHU** on-line. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6299&secao=479> Acesso em: 10/05/2016.

JUNGS, Márcia. René Girard e o desenho mimético: as raízes da violência humana. **Revista IHU** on-line. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4238&secao=382>

ROCHA, João César de Castro. **Teoria mimética e vulnerabilidade do sujeito** – ou: René Girard, Sigmund Freud e Oswald de Andrade. **Philia&Filia**. Vol. 2. Porto Alegre:, 2011. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/Philiaefilia/article/view/23930>>

SCHULTZ, Adilson. A violência e o sagrado segundo René Girard. **Protestantismo em revista**, 2004. Disponível: <<http://periodicos.est.edu.br/periodicos/index.php/nepp>>

LÉVI-STRAUSS. **Mito e Significado**. Tradução Antônio Marques Bessa, 1978. Disponível em: <http://200.144.182.130/cje/anexos/pierre/LEVISTRAUSSCMitoesignificado.pdf>

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.